Artigo internacional

A VIOLÊNCIA NOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO[1]

As imagens e os relatos de violência veiculados pelos meios de comunicação são assuntos que preocupam pais, profissionais e pesquisadores em todo o mundo. Neste número, *Comunicação & Educação* traz, com exclusividade em língua portuguesa, um balanço de estudos e pesquisas sobre o tema, realizados até início dos anos 90, e originalmente publicados pela revista *Tendências da Pesquisa em Comunicação*, do Centro para o Estudo da Comunicação e Cultura da Universidade de St. Louis, EUA.

VIOLÊNCIA E TELEVISÃO NA EUROPA[2]

A violência na televisão aumentou entre 1984 e 1987 e assim continua até hoje (1993), não somente na ficção mas também no espaço dedicado a "fatos reais", como cenas diárias da guerra na Bósnia, guerra e fome em vários países da África, conflitos étnicos na região da antiga União Soviética etc., sempre amplamente ilustrados. Pesquisadores da Europa Ocidental têm se concentrado, sobretudo, na relação entre atos terroristas e a maneira como são apresentados pela mídia. A crescente troca de matérias televisivas entre os países da região constitui outro foco de interesse. O levantamento seguinte fará um esboço de pesquisas realizadas nos países maiores e/ou mais representativos. Pesquisas realizadas em alguns países não mencionados aqui, como Noruega e Dinamarca, certamente cresceram no último período, e a situação de pesquisa na Europa Central e Oriental com certeza mudou bastante.

OS AUTORES

José Martínez de Toda y Terrero
Jesús Maria Aguirre
Rafael Calduch Cervera

1. Artigo originalmente publicado em **Communication Research Trends** (Tendências da Pesquisa em Comunicação), n. 4, v. 13, de 1993, cujo editor é William E. Biernatzki, S.J. O artigo está baseado em um estudo de pesquisa sobre violência e televisão na Europa, realizado em outubro de 1987, por Paul Kenney, S.J., do Centro para o Estudo de Comunicação e Cultura, e não publicado. É também uma atualização de artigo publicado em **Tendências da Pesquisa em Comunicação**, de 1984. No entanto, não deve ser considerado uma atualização até 1993, data da publicação do original em inglês, salvo quando especialmente indicado no texto.
2. Texto de autoria de **José Martínez de Toda y Terrero**.

ALEMANHA

De acordo com documentos coletados e sintetizados por Schorb, Schneider-Grube e Teunert (1984), as considerações sobre a violência na televisão não deveriam se limitar à violência física, uma vez que o cinismo e a violência socialmente estruturada também são traumáticos. Eles também afirmam que os resultados da pesquisa sugerem que a condição social e o contexto onde vivem os entrevistados podem exercer maior influência nos espectadores do que qualquer ato especialmente violento ao qual possam ser expostos.

Segundo eles, a violência na mídia não poderá ser resolvida com eficiência se não se tentar, ao mesmo tempo, reduzir o nível de violência na sociedade.

Alguns estudos, cujos resultados concordam no todo ou em parte com as idéias acima, incluindo os de Beddig (1985), em que foram analisados desenhos feitos por algumas crianças após terem assistido a filmes de terror na televisão ou no vídeo, tinham por objetivo determinar os tipos e os níveis de ansiedade que elas revelavam. Da mesma forma, Kraus (1986) enfatizou o contexto liberal da família e da sociedade em seu estudo dos efeitos da violência na TV sobre as crianças. Schultz (1986) pediu a crianças com dificuldades de aprendizagem para criarem seus próprios vídeos, a partir dos quais obteve uma idéia mais clara sobre as fantasias de agressão que elas tinham. Woerdemann (1978) havia feito, anteriormente, um estudo original, em que considerava a relação entre o terrorismo e os meios de comunicação de massa.

Referências da Alemanha

BEDDIG, Hermann. *Folgen der Angst: Zur Wirkungen von Gewaltdarstellungen in den medien.* (Conseqüências do medo: resultados da demonstração da violência na mídia). **Medien Praktisch**, 4, 1985. p. 55-58.

KRAUS, Jobst. *Gewalt in den medien: Gefahr für Kinder oder harmlose Zerstreuung?* (Violência nos meios de comunicação: perigo para crianças ou distração inofensiva?). **Medien Praktisch**, 4, 1986.

SCHORB, B. *et al.* **Gewalt im Fernsehen-Gewalt des Fernsehens?** (Violência na televisão-violência da televisão?) Sindelfingen: Expert Verlag, 1984.

SCHULTZ, Werner. *Gewaltphantasien ernst nehmen: ein videoprojekt in der Sonderschule.* (Levar a sério fantasias de violência: um projeto de vídeo para escolas especiais). **Medien Praktisch**, 4, 1986.

WOERDEMANN, F. *Mobilität, techinik und kommunication als strukturelemente des terrorismus.* (Mobilidade, técnica e comunicação como elementos estruturais do terrorismo). In: **Extremismus im Demokratischen Reichtsstaat**. Bonn: Bundeszentrale für Politische Bildung (Departamento de Formação Política), 1978.

TCHECOSLOVÁQUIA

Em uma Tchecoslováquia ainda comunista, a **Organização Internacional de Jornalistas** (1980) realizou um estudo, baseado na suposição de que os efeitos prejudiciais da exposição prolongada à violência na televisão haviam sido estabelecidos com precisão, ao serem examinados os seguintes efeitos encontrados em crianças que assistem a violência em excesso: elas imitam a violência a que assistem; são extremamente estressadas e incapazes de controlar suas emoções; tendem a recorrer à violência pa-

ra resolver seus problemas; têm mais tendência a aceitar aspectos de violência considerados padrão em sua sociedade; estão mais sujeitas a sentimentos de medo e horror e tendem a se tornar insensíveis à violência que observam. Ao caracterizar o público infantil que prefere uma programação violenta, o estudo descobriu que aqueles propensos a assistir a programas violentos já são, inicialmente, mais agressivos ou desfavorecidos socialmente; que crianças sem orientação dos pais aceitam a violência mais facilmente; que uma criança que se sente mais frustrada, zangada ou instável enquanto assiste a cenas violentas na televisão está mais sujeita a cometer um ato agressivo; e quanto mais fácil de imitar, mais o ato de violência será imitado.

Referência da Tchecoslováquia

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DE JORNALISTAS. **Children and the mass media.** (Crianças e a mídia). Praga: IOJ, 1980.

ESCANDINÁVIA

Como observado anteriormente, as pesquisas na Noruega e na Dinamarca foram esparsas mas na Finlândia e na Suécia foram bastante produtivas. Na Finlândia, Vappu Viemero (1986) descobriu que crianças expostas a grande quantidade de violência na televisão mostram-se, a longo prazo, cada vez mais agressivas. Esta descoberta não se justifica entre as garotas; e entre os garotos verificou-se que o relacionamento a longo prazo foi indireto, dependendo do grau de identificação com as personagens. De acordo com suas descobertas, assistir a cenas de violência aumenta a agressão, mas crianças agressivas também escolhem programas mais violentos.

Dentre os vários países estudados, as crianças finlandesas foram consideradas as menos agressivas e as americanas, as mais agressivas. Os garotos mostraram-se mais agressivos do que as garotas. Crianças com alto grau de ansiedade mostraram-se menos agressivas do que aquelas menos ansiosas. Os garotos consideram as cenas violentas mais parecidas com a vida real do que as garotas.

Maior identificação com as personagens da TV está ligada a uma agressão maior. A violência assistida na televisão aumenta a agressividade em crianças naturalmente agressivas. A agressividade não está ligada ao nível socioeconômico. O aumento da violência na programação pouco tem a ver com a agressividade do espectador.

Bjorkqvist (1985), também da Finlândia, acrescenta a descoberta de que a ansiedade sobre a violência geralmente não está presente em um indivíduo no momento em que ele age de maneira agressiva.

Esses dois pesquisadores foram criticados pela especialista Cecília von Feilitzen (1987) por não terem prestado a devida atenção ao contexto social. Gunter (1987) mencionou a popularidade dos "indicadores culturais" de George Gerbner tanto na pesquisa holandesa quanto na sueca, no final dos anos 70. Um importante exemplo disso foi o estudo longitudinal de Hedinsson junto a mil jovens no final dos anos 70 e começo dos anos 80. Os resultados mostraram que, quanto mais as crianças se tornavam envolvidas com a TV, mais exagerada era sua percepção dos índices de criminalidade na sociedade. Aquelas que assistiam mais à TV estavam à frente das outras em um índice de retribuição, destinado a refletir até que ponto um indivíduo deseja que os malfeitores sejam punidos. Outra pesquisa daquele período incluiu o tra-

balho de Ulle Holmberg, da Universidade de Lund, Suécia, que analisou como uma classe de estudantes julgava e interpretava a violência no vídeo e na TV. Jan Erik Norlund, da Universidade de Umea, Suécia, elaborou, em 1987, um estudo dos gêneros e a violência na televisão. Durante um período de três anos, serviu-se de métodos qualitativos para investigar os motivos que levam as pessoas a assistir à violência na TV e no vídeo, ligando o consumo dos meios de comunicação de massa com as atitudes e valores do espectador. Lagerspetz e Viemero (1982) relataram as descobertas finlandesas, dentro de um projeto de pesquisa internacional de seis nações que estuda o relacionamento entre o comportamento social de crianças e um número de variáveis ligadas ao seu *back-ground*.

Referências escandinavas

BJORKQVIST, Kaj. **Violent films, anxiety and aggression**: experimental studies of the effect of violent films on the level of anxiety and aggressiveness in children. (Filmes violentos, ansiedade e agressão: estudos experimentais do efeito de filmes violentos no nível de ansiedade e agressividade da criança). Turku (Finlândia): Abo Akademi, 1985. (Tese de Doutorado na Universidade Sueca, Finlândia).

FEILITZEN, Cecília Von. *Book review of the dissertations by Bjorkqvist and Viemero.* (Revisão da literatura das dissertações de Bjorkqvist e Viemero). **NORDICON – Review of Nordic Mass Communication Research**, n. 1, 1987. p. 27-39.

GUNTER, Barrie. **Television and the fear of crime.** (A televisão e o medo do crime). London: IBA e John Libbey, 1987.

HEDINSSON, E. *TV, family and society: the social origins and effects of adolescents TV use.* (TV, família e sociedade: as origens sociais e os efeitos do uso da TV pelos adolescentes). Stockholm (Alemanha): Almqvist e Wiksell International, 1981.

HEDINSSON, E; WINDAHL, S. *Cultivation analysis: a Swedish illustration.* (Análise da cultura: uma ilustração sueca). In: **Cultural indicators: an international symposium** (Indicadores culturais: um simpósio internacional), G. Melischek, K. E.Rosengren; J. Stappers (Eds.). Viena (Áustria): Austrian Academy of Sciences (Academia Austríaca de Ciências), 1984.

LAGERSPETZ, K.; VIEMERO, V. *An international investigation of televised violence and aggression in children.* (Uma investigação internacional da violência e agressão na televisão e seus efeitos sobre a criança). **NORDICON – Review of Nordic Mass Communication Research**, n. 2, 1982.

VIEMERO, Vappu. **Relationships between filmed aggression and violence.** (Relação entre a agressão filmada e a violência. Turku (Finlândia): Abo Akademi, 1986. (Tese de Doutorado na Universidade Sueca, Finlândia).

ESPANHA

Em Barcelona, Morcellini e Avallone (1981) estudaram o comportamento e o papel da mídia no seqüestro de Aldo Moro na Itália, em 1978, assim como os incidentes políticos na Espanha em fevereiro de 1981. Uma investigação realizada por autoridades romanas após o seqüestro constatou que o papel dos serviços de informação em tal situação foi vital. Os autores enfatizaram a responsabilidade moral, política e profissional da mídia em situações de emergência como essa. Miguel Rodrigo fez, em 1987, sua Tese de Doutorado na Universidade de Barcelona sobre o terrorismo e a mídia, a partir de uma perspectiva semiótica. Também em 1987, foi realizada uma pesquisa na Universidade de Navarra, Pamplona, sobre o terrorismo e a lei de imprensa.

Referências da Espanha

MORCELLINI, Mario; AVALLONE, Franco. *The mass media in an emergency situation.* (Os meios de comunicação de massa em situações de emergência). **Analisi**, n. 4, 1981. p. 15-44.

FRANÇA E BÉLGICA

Roselyne Bouilli-Dartevelle (1984), no final de seu estudo sobre o lazer dos adolescentes, concluiu que para eles a televisão é, acima de tudo, uma maneira fácil de passar o tempo e de escapar das responsabilidades sociais. Henri-Pierre Jeudy (1979) vê a televisão ocupar um papel mais positivo, como uma catarse, neutralizando as tendências violentas ao lhes dar uma expressão vicária.

Ackermann, Dulong e Jeu (1983) afirmam que a influência da mídia não é pequena no colapso da comunicação entre os indivíduos e na perda das diretivas éticas. Uma ideologia de segurança é estimulada pela mídia em sua constante promoção de uma noção de insegurança. Métodos de auto-defesa são sugeridos e legitimados, promovendo uma espiral de violência na sociedade.

Para o autor, a clareza e o equilíbrio ao descrever as causas do perigo e as melhores maneiras de se lidar com isso poderiam melhorar a situação.

George Gerbner (1987) – mencionado devido à publicação do livro pela UNESCO em Paris – teve muita influência na Europa, especialmente com relação à discussão da violência.

Xavier Raufer (1986) critica, em especial, os erros freqüentes cometidos pela mídia, vindo a ser cúmplice dos terroristas ao invés de tentar entender os seus atos.

Referências da França e da Bélgica

ACKERMANN, Werner; DULONG, Renaud; JEU, Henri-Pierre. **Ly. Imaginaires de l'insecurité.** (Ly. Os imaginários da insegurança). Paris: Libraire des Meridiens, 1983.

BOUILLI-DARTEVELLE, Roselyne. **La generation éclatée-Loisirs et communication des adolescents.** (A geração explosiva – lazer e comunicação dos adolescentes). Bruxelas: Éditions Université de Bruxelles, 1984.

GERBNER, George. **Violence and terror in the mass media** (Violência e terror nos meios de comunicação de massa). Paris: UNESCO, 1987.

JEUDY, Henri-Pierre. **La peur et les media:** essai sur la virulence. (O medo e a mídia: ensaio sobre a virulência). Paris: Presses Universitaires de France, 1979.

RAUFER, Xavier. *Terrorisme: court manuel de deminage a l'usage des medias.* (Terrorismo: pequeno manual de desativação para uso da mídia). **Mediaspouvoirs**, n. 2, março, 1986. p. 5-15.

GRÃ-BRETANHA

Um extenso estudo do setor de pesquisas da *Independent Broadcasting Authority* (Autoridade para a Transmissão Independente) foi realizado em resposta a uma preocupação crescente no Reino Unido sobre a quantidade e o tipo de violência na televisão (Gunter e Wober, 1983; Gunter 1987). Esse levantamento, feito junto a três mil membros do **Painel de Opinião da TV** – um grupo de avaliação contínua mantido pela **ITA** e pela **BBC** – revelou as principais conclusões, abaixo explicitadas:

- Apesar de a grande maioria ter afirmado que existe excesso de violência na televisão e que isso poderia prejudicar as crianças, poucos consideram uma ameaça os seriados comuns que mostram crimes.

- Muitos acham que o problema poderia ser resolvido se os pais controlassem o que a criança assiste – embora saibam que isso geralmente não acontece.
- De modo geral, reconheceram que a eliminação dos seriados com crimes permitiria às crianças terem uma visão mais otimista da vida.
- Mais da metade acredita que a violência na TV é copiada pelas crianças, isso as assusta e faz com que fiquem insensíveis à violência em geral.
- A maioria acha que deveria haver um controle sobre o material violento a ser exibido – assim como já existe com relação a sexo e palavrões – mas não gostariam que esse material fosse totalmente excluído da programação para adultos.
- Mesmo que apenas alguns membros desse estudo tenham dito ter uma tendência maior à violência após assistirem a programas violentos, isso representa dois milhões de pessoas, quando projetamos essa amostra na população total do Reino Unido.
- O estudo revelou evidências de que pessoas que assistem a mais violência tendem a expressar mais medo de crimes na vida real.

Em outro estudo, Gunter (1985) descobriu que a maioria das pessoas não acredita que as histórias em quadrinhos violentas perturbem tanto as crianças quanto os filmes de crime, especialmente quando a violência nesses últimos é exercida pelos defensores da lei ou é praticada contra as mulheres.

As pessoas de personalidade mais agressiva tendem a descrever como brandas as mesmas cenas de violência que as outras pessoas, menos agressivas, descrevem como excessivas. O estudo indicou que as crianças ficam mais perturbadas com as seguintes formas de violência: armas de fogo e socos, nas cenas de luta; violência que resulta em ferimento, sofrimento ou morte; violência em cenários realistas e modernos; cenas noturnas de violência; e violência no interior de edifícios, mais do que na rua.

Peter Marsh e Anne Campbell (1982) incluíram em sua coleção de estudos sobre a violência um trabalho muito útil: **Os meios de comunicação de massa e a violência social:** uma crítica das tendências de pesquisas recentes. Depois de determinar a utilidade de vários outros modelos, Murdock concluiu que a abordagem crítica é muito produtiva quando se estuda a violência na mídia.

Em um estudo para um inquérito parlamentar, iniciado em 1983, seis mil crianças inglesas e do País de Gales, assim como professores e pais, foram observados. Foi constatado que uma grande parte assistia a vídeos de violência e medo (Barlow e Hill, 1985). Os pais tinham alguma influência sobre o que seus filhos assistiam, mas muitas vezes as fitas eram assistidas na casa de amigos, por isso o controle ficava diluído.

Pesquisas em andamento na Grã-Bretanha, em 1987, incluíam o seguinte: Jay Blumler, Allison Ewebank e Michael Gurevitch, da *Leeds University* estavam estudando a apresentação e a percepção do conflito social nas notícias da TV. Guy Cumberbatch, da *Aston University*, Birmingham, havia acabado de completar um estudo sobre a influência dos programas violentos na sociedade britânica. Robin McGregor, do Departamento de Pesquisa da **BBC**, estava revendo as reclamações e outras respostas enviadas à **BBC** por espectadores sobre a violência na televisão. Philip Schlesinger, da *Thames*

Polytechnic, Londres (atualmente na Universidade de Stirling) trabalhava num projeto de dois anos sobre crime, lei e justiça, enfocando a reportagem do crime e, também, revisando um livro (Schlesinger, Murdock e Elliott, 1983). Brian Young, da Universidade de Salford, estava pesquisando os pontos de vista de crianças e de famílias sobre a TV.

Referências da Grã-Bretanha

BARLOW, Geoffrey; HILL, Alison (eds.) **Video violence and children**. (A violência no vídeo e a criança). Londres: Hodder e Stoughton, 1985.

GUNTER, Barrie. **Dimensions of television violence.** (Dimensões da violência na televisão). Aldershot: Gower, 1985.

_____.**TV and the fear of crime**. (A TV e o medo do crime). Londres: John Libbey, 1987.

_____; WOBER, Mallory. *Television viewing and public trust.* (A audiência da televisão e a confiança do público). **British Journal of Social Psychology**, v. 22, 1983, p. 174-176.

MARSH, Peter; CAMPBELL, Anne (eds.) **Aggression and violence**. (Agressão e violência). Oxford: Basil Blackwell, 1982.

SCHLESINGER, Philip; MURDOCK, Graham; ELLIOTT, Philip. **Terrorism: political violence in popular culture.** (O terrorismo: violência política na cultura popular). Londres: Comedia, 1983.

HOLANDA

Em meio a muitos estudos holandeses realizados no início dos anos 80 a respeito da violência na televisão, dois merecem destaque. Tom H. A. van der Voort (1986) analisou o que as crianças sentem quando assistem à violência na TV, a fim de determinar se isso as assusta e instiga ou reforça a agressão; se elas repetem os gestos; se as leva a considerar a violência normal e abranda seus sentimentos e como isso influencia sua noção do mundo. Crianças de 9 a 12 anos escolheram programas infantis, mas havia uma mudança gradual de preferência para programas de adultos.

Ele descobriu que a idade não aumentava a atitude crítica e moral da criança com relação à TV, e que crianças mais velhas continuavam a se identificar com as personagens violentas, como faziam as crianças menores. A preferência por programas agressivos aumenta quando a criança cresce, mas muitas vezes elas não consideram violentos os desenhos animados e alguns outros programas que os adultos achariam excessivamente violentos. Jovens a partir de 12 anos são capazes de distinguir a fantasia da realidade, assim como os adultos. As crianças são mais afetadas por programas considerados subjetivamente violentos ou que são mais realistas, do que pelos outros em que o índice de violência é maior e representam, claramente, fantasias.

Para a maioria das crianças, a violência deve ser física, para ser identificada como tal. O autor acredita que elas ainda devem aprender a identificar a violência como violência, e também a ter uma atitude mais crítica com relação à televisão, de maneira que parem de desculpar, automaticamente, qualquer ato executado pelos mocinhos.

Alex P. Schmid e Janny de Graaf (1982) estudaram a experiência das crianças com a violência que aparece de maneira inesperada nos telejornais, apesar de os pais proibirem que assistam a outros programas violentos. Suas descobertas defendem a idéia de que o terrorismo insurgente tem lógica ao usar a televisão para transmitir sua mensagem.

Ao observar como os terroristas, a mídia e as autoridades fazem uso das notícias sobre o terrorismo, concluíram que quem sai perdendo é o público, já que toda essa manipulação os impede de formar uma opinião crítica sobre os eventos mundiais. Os profissionais da mídia são, muitas vezes, incapazes de resistir a essas forças externas.

No período considerado, a televisão holandesa transmitiu menos violência do que a americana. Apesar de alguns setores da programação serem igualmente violentos, na Holanda o tipo de violência é relativamente diferente. A Inglaterra e a Alemanha apresentaram mais filmes com crime do que os Estados Unidos. Bouwman e Stappers (1984) acreditam que a relativa ausência, na Holanda, de efeitos decorrentes do crescimento da TV deve-se ao fato de que as pessoas dependem muito pouco das notícias apresentadas pela TV, uma vez que é muito grande o número de jornais locais e regionais e que as leis holandesas exigem que a programação seja bastante variada.

Referências da Holanda

BOUWMAN, H.; STAPPERS, J. *The dutch violence profile: a replication of Gerbner's message system analysis*. (Perfil da violência na Holanda: resposta à análise do sistema de mensagem de Gerbner). In: **Cultural indicators:** an international symposium. Publicado por G. Melischek, K. E. Rosengren e J. Stappers. Viena (Aústria): Austrian Academy of Sciences (Academia Austríaca de Ciências), 1984.

SCHMID, Alex P.; GRAAF, Janny de. **Violence as communication:** insurgent terrorism and the Western news media. (Violência como comunicação: terrorismo insurgente e a *Western news media*). Londres/Beverly Hills/New Delhi: Sage, 1982.

VAN DER VOORT, Tom H. A. **Television violence: a child's eye-view**. (A violência na televisão: o ponto de vista da criança). Amsterdam (Holanda): Elsevier, 1986.

ITÁLIA

O maior ponto de interesse dos pesquisadores de comunicação na Itália, neste período, foi o terrorismo. Essa preocupação talvez tenha ficado ainda mais evidente no trabalho internacional, em dois volumes, **Terrorismo e TV**, publicado pela rede nacional **RAI** (Morcellini, Elliott *et al.*, 1982). Wagner-Pacifici (1987) trabalhou com o seqüestro de Aldo Moro como um estudo de caso do terrorismo a partir de uma perspectiva sociológica e dramatúrgica. Tomorra (1985) discutiu os efeitos dos estereótipos na mídia e Iozzia e Priulla (1985) trataram o problema específico da Máfia. Paola Mancini (1986) reviu um período de trinta anos da pesquisa de mídia na Itália, enfatizando seu objetivo e foco centrais. A cultura católica teve influência fundamental nos objetivos sociais e educacionais dos meios de comunicação de massa, especialmente no que se refere aos altos padrões da dignidade humana e da coesão social – os quais a autora acredita estarem seriamente ameaçados pelo desenvolvimento crescente dos meios de comunicação de massa.

Referências da Itália

IOZZIA, Giovanni; PRIULLA, Graziella. **Dal Silencio al Rumore**. Roma: RAI, 1985.

MANCINI, Paola. *Between normative research theory of forms and content: Italian studies on mass communication*. (Entre a pesquisa normativa e a teoria de formas e conteúdos: estudos italianos dos meios de comunicação de massa). **European Journal of Communication**, Londres: SAGE, v. 1, 1986. p. 97-115.

MORCELLINI, Mario; ELLIOTT, Phillip; MURDOCK, Graham; RATH, Klaus; SCHLESINGER, Philip. **Terrorismo e TV**. (2 Vols.) – v. 1 por Morcellino; v. 2 por Elliott, Murdock, Rath e Schlesinger. Roma: RAI, 1982.

TOMORRA, Amato Lamberti. **Analisi stereotipi**. Roma: RAI, 1985.

WAGNER-PACIFICI, Robin. **Terrorism as social drama: the Moro morality play.** (Terrorismo e drama social: a história da moralidade do caso Moro). Chicago: University of Chigago Press, 1987.

CONCLUSÃO

O impacto da violência da televisão nos espectadores, especialmente em crianças, tem sido, talvez, o tópico de maior interesse para os pesquisadores de comunicação na Europa, pelo menos durante o período em que durou esse estudo. Entretanto, os resultados são muitas vezes contraditórios, embora algumas descobertas tenham atingido um certo nível de consenso. As pesquisas de opinião parecem ser o meio mais eficiente para se obter informações sobre os efeitos da violência nas pessoas, com o objetivo de se estabelecer critérios – embora fique claro que existem algumas limitações.

A maioria dos pesquisadores europeus, na época em que este estudo foi elaborado, pareciam aprovar uma teoria crítica diferente, ajudados pela semiótica, para analisar as informações sobre a violência. Para se obter informações confiáveis, em geral prefere-se trabalhar com entrevistas diretas ou questionários ao invés de experiências de laboratório.

As pesquisas sobre violência estão centradas nas crianças porque elas parecem constituir o público mais impressionável e facilmente afetado pelos programas com cenas de violência. Em geral, acredita-se que essas cenas têm maior impacto quando se passam em lugares que o espectador seja capaz de identificar.

O desejo de assistir à violência, em si, parece ter menos importância do que a sensação de um desejo íntimo, por parte do espectador, de punir os malfeitores.

Existe uma inter-relação complexa entre o terrorismo e a mídia, que sugere a necessidade de uma grande cautela ao se lidar com notícias sobre terrorismo.

As análises sobre violência, no entanto, não devem descartar a violência estrutural e psicológica, que podem causar tanto mal quanto a violência física. O fácil acesso das crianças a fitas de vídeo dificulta o controle que os pais possam ter sobre o que os seus filhos assistem. Parece haver uma ligação clara entre longos períodos de exposição à violência da TV e um maior medo de crimes na vida real. Embora ainda não se possa determinar o motivo exato para isso, pode-se observar um certo **efeito estufa** quando a pessoa permanece um longo período diante da televisão, assistindo a uma grande quantidade de cenas violentas.

As pessoas que vivem em cidades grandes parecem estar sempre em um estado de tensão e medo e a mídia é, em parte, culpada disso. Por outro lado, muitos acreditam que a violência na TV tem um efeito de catarse, que livra as pessoas de suas tendências destrutivas, as quais poderiam, de outra forma, ser manifestadas em sociedade. Além disso, pesquisas sobre história sugerem que o nível atual de violência na sociedade, embora possa ser mais elevado do que em alguns períodos do passado, também pode ser mais baixo do que em outros períodos, os quais não sofriam a influência dos meios de comunicação de massa.

A VIOLÊNCIA NA TELEVISÃO E SUA INFLUÊNCIA SOBRE A CRIANÇA - UMA PERSPECTIVA VENEZUELANA[3]

Ninguém pode negar a extensão da violência nas telas da televisão em praticamente todas as partes do mundo. As estimativas indicam que o crime é 22 vezes mais freqüente na televisão do que na vida real. Atualmente, a tecnologia dos satélites traz as imagens de guerras travadas nos lugares mais remotos para dentro de todos os lares, que podem ser assistidas mesmo por crianças pequenas. Os governos têm se mostrado preocupados a esse respeito mas não conseguiram mudar muita coisa. Em 1969, tanto os Estados Unidos quanto o Reino Unido publicaram relatórios com estudos do problema, patrocinados pelo governo. Na Venezuela, o psicólogo Eduardo Santoro (1969) publicou o relatório de uma pesquisa que abalou a opinião pública. Cinco anos mais tarde (1974), um relatório foi publicado pelo Conselho Venezuelano da Criança e, no mesmo ano, o Quinto Congresso da Sociedade Venezuelana de Psiquiatria debateu o tema **A Mídia na Comunicação Social e a Saúde Mental** (Muñoz, 1974). Um estudo patrocinado pelo governo foi publicado na Argentina em 1975 (Arenas, 1975). Estudos similares foram realizados pelos governos do México (apresentado no El Nacional, 1982) e da Colômbia.

Poucos estudos feitos na América Latina se basearam em levantamentos empíricos quantitativos, mas alguns usaram métodos antropológicos e análises de conteúdo. A maior parte de suas descobertas leva a crer que a exposição excessiva da criança a uma programação contendo violência reforça sua agressividade, fazendo com que resolva seus problemas de maneira não-pacífica.

Um pouco de violência sempre está presente em filmes de suspense e ação ou naqueles que trazem um relato histórico, mas a quantidade e a qualidade da violência na TV são coisas novas e devem ser julgadas tanto em termos de seu contexto na televisão e na vida real, quanto em termos de sua importância ética à luz desses contextos.

A representação da violência na televisão

Embora ainda não tenha havido um acordo por parte dos pesquisadores para a definição da palavra violência, ela pode ser descrita como o recurso a formas de ação que ferem a integridade física, psicológica ou moral de outra pessoa (UNESCO, 1971). Assim, uma cena violenta na televisão pode ser descrita como a expressão agressiva do conflito humano dramático, em que as pessoas se relacionam pela força.

As causas para que os altos índices de programação violenta continuem foram amplamente estudadas, mas ainda não se chegou a uma conclusão. Um dos fatores é, simplesmente, o tempo que as pessoas passam diante da TV – ela fica ligada, aproximadamente, cinco horas por dia em uma casa venezuelana média.

A crescente demanda por entretenimento torna esse meio mais competitivo e fica difícil para as estações de televisão resistir à tendência de usar mais programas sensacionalistas para atrair maior audiência (Aguirre, 1976).

3. Esta parte do artigo tem por autor **Jesús Maria Aguirre**.

Os empresários de mídia respondem às objeções feitas aos conteúdos violentos de maneira clássica: "Damos ao público o que ele quer". Mas o público tem tão pouca escolha que fica difícil para ele decidir o que quer. A regra número um, mesmo na elaboração de noticiários, consiste em alcançar a maior audiência possível, fazendo uma produção cada vez mais espetacular (Bockelmann, 1983). A maneira mais fácil de conseguir isso é recorrendo a cenas violentas.

Os efeitos dessa tendência são numerosos e trágicos. Por exemplo, vítimas de crimes, de terrorismo e de guerra estão fadadas a se tornar vítimas novamente, desta vez devido à manipulação sensacionalista da mídia. Robert Snyder, conhecido pediatra e psiquiatra infantil, afirma que as crianças não devem ser expostas às notícias da forma como são apresentadas pelos jornais e pela televisão, porque elas não têm, pelo menos até doze anos de idade, a capacidade seletiva necessária para lidar com as técnicas empregadas pela mídia. "Fazer das crianças adultos em miniatura é uma ilusão que gratifica somente educadores e pais, que vêem nisso algo de moderno. Ao contrário, isso provoca ondas de medo nos jovens" (citado em Colombo,1983, p.108). Gerbner e seus colaboradores (Gerbner *et al.*, 1980; Gerbner, 1988) também observaram que a televisão tende a sociabilizar as crianças para um mundo conceptual que não corresponde ao mundo real no qual elas têm que viver.

A psicanalista Raquel Soiler (1981) identificou uma síndrome de neurose, a *televisiosis*, que se caracteriza por mania de perseguição, fobias e desordem mental relacionadas à construção de uma falsa realidade pela televisão e especialmente influenciada pelos conteúdos violentos da programação.

A liberdade da mídia é essencial para uma sociedade livre, mas a permissividade resultante provoca sérios problemas, os quais têm que ser enfrentados de forma direta. A destruição das normas e valores morais é um deles mas, talvez igualmente séria, seja a criação de uma cultura de pseudo-realidade. Isso pode começar a afetar a criança desde muito pequena, tornando-a incapaz de levar uma vida totalmente coerente e autônoma. Pode ser que não se encontre uma prova científica de que isso esteja acontecendo, no entanto, a probabilidade é grande o suficiente para ser encarada como uma responsabilidade social muito séria, a fim de garantir um ambiente cultural saudável para as futuras gerações.

Violência e programas de ficção

A televisão é, antes de qualquer coisa, uma forma de entretenimento. A competição na conquista de maior audiência cria uma pressão para que se busque cada vez mais ação, sensacionalismo e, inevitavelmente, violência. A quantidade de violência na televisão varia de país a país, mas da mesma forma varia sua natureza, seus tipos e sua quantidade em diferentes gêneros de programas, não importando o país (Gurevitch, 1972).

Os desenhos animados constituem a categoria mais violenta. Até pouco tempo atrás, os desenhos norte-americanos dominavam o mercado latino-americano e estima-se que 98% contêm violência, assim como 100% dos desenhos ingleses avaliados na mesma época (Gurevitch, 1972). Mais recentemente, os desenhos japoneses chegaram à América Latina e são, se isso for possível, ainda mais violentos.

As tomadas curtas e os cortes rápidos, características da cinematografia da televisão moderna, fazem parte de uma estética de ação e violência. Mantêm a atenção do público mas também há razão para se acreditar que promovam a impulsividade – o que, do ponto de vista do anunciante, é um traço desejável em uma sociedade de consumo.

O caráter endêmico da violência nas histórias policiais, de guerra, de horror, de faroeste e de outros gêneros de ficção é evidente, mas também estão sujeitas a estereótipos e à criação de oposições falsamente rígidas – os mocinhos *versus* os bandidos – que nunca ficam tão claramente definidas na vida real.

É óbvia a contribuição que isso pode estar trazendo para o racismo e os conflitos étnicos. Os filmes norte-americanos, em particular, tendem a promover um individualismo que em nada contribui para a realização de forma cooperativa dos objetivos sociais (Murray, 1980). Na Venezuela, a programação é fortemente norte-americana na forma e na origem. Portanto, muito do que se aprendeu sobre a televisão nos Estados Unidos pode ser aplicado nesse país, porém com o agravante de uma representação de problemas e valores estrangeiros. Estudos realizados por Santoro (1969), Marcano e Moncada (1971), Montano (1977), Bisbal (1986), Colomina de Rivera e Ferranza *et al.* (1975) indicam altos índices de violência na TV venezuelana, uma preferência por programas violentos por parte das crianças, além de alto índice de popularidade das telenovelas, as quais apresentam um volume considerável de violência.

De qualquer forma, a elaboração de índices de violência parece não mostrar a história toda. A violência verbal pode amedrontar mais as crianças do que a violência física porque ocorre em um cenário que lhes é familiar. Também a violência executada com instrumentos mais acessíveis (facas no lugar de lâminas *laser*, por exemplo) tem mais probabilidade de ser imitada; e essas são as armas mais usadas nas cenas de violência das telenovelas.

Apesar de ser difícil fazer comparações, os especialistas parecem inclinados a acreditar que os efeitos da violência de ficção podem ser mais sérios, a longo prazo, do que os da não-ficção (notícias, documentários etc.). O risco fundamental está na aceitação tácita, incluindo a aprovação de mecanismos de violência como rotina para resolver conflitos.

O problema básico não está em como as armas são usadas ou como são causados os ferimentos, mas na maneira com que os conflitos de xenofobia, de segregação racial, de concorrência, de divisão de classes, de machismo e de exploração sexual, de infidelidades conjugais etc. são resolvidos através da violência, em programas diários que refletem a vida real.

Uma espiral de violência crescente é gerada quando os espectadores são convencidos de que o meio ambiente é tão ameaçador que eles devem se preocupar em buscar meios de auto-defesa – meios estes, muitas vezes, agressivos.

Rumo a um inventário de efeitos

Os inventários de descobertas sociológicas sempre apresentam dificuldades de variar as interpretações da evidência, os desacordos sobre as metodologias, e mesmo sobre a validade e a credibilidade de tais descobertas sociológicas. Estudos dos efei-

tos da mídia são especialmente influenciados pela questão de como os efeitos de curto prazo podem indicar algo sobre os de longo prazo. No entanto, está sendo elaborada uma relação de descobertas confiáveis, as quais, se usadas com critério, podem ajudar aqueles que queiram criar aplicações práticas e desenvolver regras de ação.

Estudos experimentais, realizados nos Estados Unidos, Austrália e Europa, mostram claramente um aumento na agressividade das crianças após assistirem a programas violentos.

Alguns estudos dessa pesquisa lançam dúvida sobre o caráter inofensivo da violência em desenhos animados ou outros gêneros menos realistas. Entretanto, o comportamento agressivo de algumas crianças em particular está mais ligado à sua agressividade natural do que à violência dos filmes a que assistem.

O ambiente da casa, da escola e das turmas também são fatores importantes de mediação. Pouquíssimos estudos experimentais relevantes foram realizados na Venezuela.

Estudos de correlação ocuparam uma posição mais importante, com os trabalhos de Ferrenza *et al.* (1975) e de Montano (1977), geralmente apoiando as idéias de Halloran (1970), para quem os fatores socioeconômicos são indícios mais prováveis de violência do que a exposição à televisão. Estudos realizados nos Estados Unidos e na Inglaterra, em particular, sugerem que tendências agressivas contribuem para a preferência por programas violentos, mais do que a ação inversa. Outros estudos mostram que o comportamento violento no final da adolescência está associado à preferência por programas violentos na infância.

Algumas pesquisas permitem conclusões mais específicas, que caracterizam essas descobertas. Parece haver um amplo consenso que afirma que a violência interpessoal aumenta de maneira dramática com a exposição a emissões ou filmes com agressão física ou verbal; programas com violência gratuita sem qualquer função narrativa; programas nos quais a violência é a base de uma causa nobre; e faroestes violentos. Entretanto, todas essas descobertas podem ser explicadas pela tendência de crianças agressivas a assistirem a programas violentos na televisão.

Catarse?

Nadando contra a corrente, alguns especialistas sugerem que o fato de assistir a conteúdos agressivos na televisão não apenas não provoca aumento na conduta agressiva como também reduz essa possibilidade ao liberar as tensões. A noção de catarse ainda não está suficientemente definida para ser aplicada a consumidores dos meios de comunicação de massa. A idéia geral é de que, enquanto a maioria das crianças expostas à violência da televisão aumenta seus sentimentos, atitudes e/ou condutas agressivas, uma minoria descarrega suas tensões desta forma. Até a presente data, não houve estudos na Venezuela se opondo a esta idéia.

A questão chave para os venezuelanos é: haverá o mesmo ou mais estímulo à violência do que nos Estados Unidos, cuja programação originária ocupa um grande espaço na TV venezuelana? Até o momento, ninguém sabe.

Fatores de inflexibilidade

A violência tende a permanecer uma fixação permanente da televisão devido à combinação de numerosos fatores. Entre

eles estão as características da mensagem violenta; as características e a predisposição dos espectadores e as condições em que recebem as mensagens; e as diferentes maneiras a que respondem a perguntas após terem assistido aos programas.

Característica das mensagens violentas

Pode-se dizer que a maioria das crianças imita ações violentas, principalmente se essas são apresentadas como um sucesso. As crianças pequenas são mais difíceis de serem estudadas porque ainda não conseguem distinguir a fronteira entre a realidade e a ficção. A consciência de que o vilão não é punido leva uma criança normal à violência; a justiça protelada para o final do filme não é percebida pelo telespectador e tem pouco efeito inibidor. Agressão com facas e lâminas em geral fere mais a sensibilidade das crianças do que revólveres ou bombas nucleares. A apresentação dos efeitos de certos tipos de violência pode levar as pessoas a ficarem mais atentas aos perigos que podem surgir. A violência verbal em situações facilmente identificáveis afeta mais as crianças do que a violência física em situações de fantasia. O uso de certas técnicas de filmagem – *close-ups* de cenas horripilantes, sons ameaçadores etc. – aumenta o medo da criança e pode causar fadiga, pesadelos etc. A ação rápida e o dinamismo de programas violentos podem atrair mais o telespectador do que a violência em si.

Características do telespectador

A violência agrada mais os meninos do que às meninas. Os garotos de 12 a 16 anos assistem a mais programas agressivos do que qualquer outro grupo. Aqueles que têm pouca instrução tendem a imitar mais as ações violentas do que os que têm mais estudo. Crianças com mais problemas na família assistem mais à televisão. Filmes agressivos parecem agir como estimulantes e ganchos para tendências psicopatas em crianças psicopatas.

A maioria dos adolescentes confere altos conceitos de veracidade e credibilidade à televisão. Poucas crianças ou adolescentes adotam uma atitude crítica espontânea com relação aos conteúdos apresentados pela televisão.

Condições de recepção

Assistir a filmes violentos em condições normais causa aumento de agressividade em crianças normais. Muitas crianças assistem a programas para adultos e só algumas dizem sofrer controle por parte dos pais. Para a maior parte das crianças, as turmas (os amigos) constituem o intérprete mais influente dos programas de televisão. Filmes de horror afetam mais as crianças quando elas estão sozinhas ou em ambientes escuros. A presença de membros da família abranda o impacto assustador desses filmes. Quando forçadas pelos pais a assistir a algum programa, as crianças reagem de maneira subconsciente, reduzindo sua predisposição para aprender. A desaprovação da violência pela família ou pela turma torna as crianças menos propensas a imitar a violência.

Tipos de resposta

Muitas crianças pequenas normais imitam, de uma forma ou de outra, os principais personagens de histórias violentas apresentadas pela televisão. Mesmo estas crianças se lembram de como executar os atos de violência a que assistiram na TV. Os conteúdos de violência tendem a confirmar os hábitos de crianças agressivas, de resolver seus problemas fazendo uso da brutalidade.

Os programas mais perigosos são aqueles que apresentam os modelos de agressão mais fáceis de imitar, fazendo uso de armas acessíveis. Crianças marginais podem aumentar sua agressividade devido à sua incapacidade de se ajustar ao mundo visto na TV. Finalmente, é provável que a saturação por programas violentos faça com que as pessoas percam a sensibilidade e se tornem brutalizadas a longo prazo.

Referências

AGUIRRE, Jesús M. *El sensacionalismo en su doble vertiente, violencia y lubricidad.* (O sensacionalismo em sua dupla acepção, violência e lubricidade). **Comunicación** (Caracas), n. 8, 1976.

ARENAS, Pedro José. **La televisivón y nuestra conducta cotidiana. Sus efectos sobre niños, adolescentes y adultos.** (A televisão e nossa conduta diária. Seus efeitos sobre as crianças, adolescentes e adultos). Buenos Aires: Ed. Cuarto Mundo, 1975.

BISBAL, Marcelino. *Aculturación en la televisión venezolana.* (Aculturação na televisão venezuelana). **Comunicación** (Caracas), n. 53, 1986. p. 42-59.

COLOMBO, Furio. **Rabia y televisión. Reflexiones sobre los efectos imprevistos de la televisión.** (Agressividade e televisão. Reflexões sobre os efeitos imprevistos da televisão). Barcelona: Ed. G. Gilli, 1983.

COLOMINA DE RIVERA, M. **El huésped alienante.** (O hóspede alienante). Maracaibo, 1985.

FERRANZA, M.; GARCIA, F.; MENDOZA, M. *Influencia de algunos medios de comunicación colectiva en la conducta delictiva femenina.* (Influência de alguns meios de comunicação de massa na conduta delictiva feminina). **Orbita**, n. 13, 1975.

GERBNER, George. *Violence and terror in the mass media.* (Violência e terror na mídia). **Reports and Papers on Mass Communication**, Paris: UNESCO, n. 102, 1988.

GERBNER, George; GROSS, L.; MORGAN, M.; SIGNORELLI, N. *The mainstreaming of America, violence prolife.* (O fio condutor da América, o perfil da violência). **Journal of Communication**, v. 30, n. 1, 1980. p. 37-47.

GUREVITCH, M. *The structure and content of television broadcasting in four countries.* (A estrutura e o conteúdo dos programas de televisão em quatro países). In: **Television and social behavior**. (Televisão e comportamento social), v. I (Conteúdo e controle da mídia, editado por G. A. Comstock e E. A. Rubinstein). Washington: Government Printing Office, 1972. p. 374-385.

HALLORAN, James H. *et al.* **Television and delinquency.** (Televisão e delinqüência). Leicester: University of Leicester, 1970.

MARCANO; MONCADA. **Contenido de violencia en el mensaje televisivo dirigido a la infancia venezolana.** (Conteúdo de violência na mensagem televisiva dirigida à infância venezuelana). Caracas: UCV, 1971. (Tese de Doutorado).

MONTAÑO, Saberio Javier. **La televisón y sus efectos en la imitación de personajes violentos por parte de los jóvenes de El Salado, barrio de la ciudad de Cumána.** (A televisão e seus efeitos na imitação de personagens violentos por parte dos jovens de El Salado, bairro da cidade de Cumána). Caracas: UCV, 1977. (Tese de Doutorado).

MUÑOZ, Carlos. **Televisión, violencia y agresión.** (Televisão, violência e agressão). Caracas: UCV, 1974 .

MURRAY, J. P. **Television and youth: 25 years of research and controversy.** (Televisão e juventude: 25 anos de pesquisas e controvérsia). Washington: El Nacional, 1982.

SANTORO, Eduardo. **La televisión venezolana y la formación de estereotipos en el niño.** (A televisão venezuelana e a formação de estereótipos na criança). Caracas: Universidade Central de Venezuela, 1969.

SOILER, Raquel. **El niño y la televisión.** (A criança e a televisão). Buenos Aires: Kapelusz, 1981.

UNESCO. *Les moyens d'information dans un monde de violence.* (Os meios de comunicação em um mundo de violência). **Etudes et Documents d'Information**, Paris: UNESCO, n. 63, 1971.

CONSELHO VENEZUELANO DA CRIANÇA (RESUMOS). Caracas: Conselho Venezuelano da Criança, n. 33, junho, 1974. (Número especial).

VIOLÊNCIA NOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DA ESPANHA[5]

Durante os últimos dez anos, a violência terrorista na Espanha tem sido o foco de atenção dos pesquisadores de comunicação do país, no que se refere à relação entre a mídia e este tipo de violência. Esses trabalhos seguem três linhas principais. Uma tendência sociológica aplica métodos de teoria sociológica e de pesquisa empírica para questões de comunicação. Outra corrente, influenciada por teorias de comunicação, apóia-se mais em teorias e considerações do que em estudos empíricos. Uma terceira abordagem é inter-disciplinar, baseando-se principalmente em estudos da legislação, para enriquecer as duas primeiras propostas.

Contribuições sociológicas

Seguindo as tradições sociológicas, os pesquisadores preocupam-se com as raízes sociais da violência política; com a natureza simbólica dos grupos terroristas e de seus atos; com o tratamento das notícias que comunicam a mensagem destes atos para o público e, finalmente, com a influência da mídia na evolução da opinião pública.

Amando de Miguel (1982) afirma que o terrorismo é uma variedade especial da violência social contemporânea em geral, incluindo aquela exercida pelo Estado, no exército e na polícia. A sociedade contemporânea é tão complexa que se torna especialmente vulnerável a rupturas causadas por um índice relativamente baixo de violência.

A ampla veiculação de seus atos pela mídia torna fácil para os terroristas instalar medo generalizado em grande parte da população.

O terrorismo surge a partir de certos conceitos sociais de fanatismo religioso ou quase-religioso e de narcisismo psicológico individual. Finalmente, de acordo com Miguel, o terrorismo se desenvolve em apoio a causas de difícil negociação e que traduzem um sentimento profundo de injustiça e de frustração em algum setor da sociedade.

Apesar de admitir que as notícias transmitidas pela televisão sobre atos terroristas condicionam a opinião pública, Miguel acredita que isso funciona contra os interesses dos terroristas, uma vez que consolida, no espírito do público, a legitimidade das instituições do Estado e o emprego da violência legal.

Alejandro Muñoz Alonso (1985) vê a publicidade dos meios de comunicação como uma das principais características, tanto das guerrilhas na América Latina quanto dos terroristas na Espanha. Na sua opinião, a publicidade é tão essencial para estas causas quanto os outros dois elementos que divulgam: um avançado nível tecnológico de violência e o caráter brutal e indiscriminado no seu uso.

5. Esta parte do artigo é de autoria de **Rafael Calduch Cervera**

Manuel Fernandez Monzon (1984) concorda com Muñoz a respeito do papel dos meios de comunicação, afirmando que o terrorismo é, antes de tudo, violência simbólica, que precisa causar impacto na opinião pública, através da mídia e dos formadores de opinião, para poder alcançar seus objetivos. Porém, Fernandez defende a idéia de que a violência terrorista é intencional e seletiva e não indiscriminada. Os terroristas desejam tomar, do Estado, seu monopólio no uso da violência. Para ele, os atos terroristas se tornam uma guerra entre duas forças baseadas na violência – o Estado e os terroristas – com o objetivo de convencer o público de que um deles é capaz de usar a violência de maneira mais eficiente do que o outro.

Fernandez também acha que os jornais desempenham uma função equivalente e complementar àquela da televisão, na estratégia terrorista. Os jornais informam, de maneira mais eficaz que a televisão, os argumentos detalhados que os terroristas estão ansiosos para comunicar. Rádios locais e formadores de opinião também representam importantes canais de mídia para eles, já que tratam os argumentos em um nível local e pessoal.

No entanto, guerra e terrorismo não são a mesma coisa, já que este último depende fortemente da ameaça de violência, pois não consegue empregar violência efetiva no nível necessário para levar à frente uma guerra. Mas a violência é importante para os terroristas, embora sua incapacidade de intensificá-la seja um reconhecimento de fraqueza. As notícias não criam o terrorismo, apesar de influenciar no seu curso de ação e o silêncio da mídia também seria incapaz de eliminá-lo[6].

José Luis Piñuel (1986) realizou um estudo intenso do terrorismo na Espanha durante o período de 1972 a 1982. Ele acredita que a comunicação é uma dimensão importante no roteiro dos terroristas, uma vez que seus objetivos se concentram, essencialmente, no setor da ampla interação social, no qual os meios de comunicação se constituem nos principais agentes mediadores entre indivíduos e grupos. Como o fenômeno do terrorismo é um ritual, junto com seu próprio código simbólico escolhe as ações a serem tomadas dentro da área da expressão e uma narrativa, segundo a mensagem que deseja veicular; executando certas ações, um mito definitivo é criado.

Debate entre professores, jornalistas e políticos

Qualquer abordagem interdisciplinar de um assunto está sujeita a seus próprios problemas de comunicação, devido a diferentes definições, pontos de vista e até conceitos sobre a validade e confiabilidade de uma evidência. Isso é válido, principalmente nos estudos de comunicação, que conseguem sintetizar as diversas perspectivas de professores universitários, jornalistas e políticos. Carlos Soria (1990) reuniu colaborações de vários pesquisadores espanhóis, que tentaram desenvolver uma abordagem geral para ajudar a integrar essas diferentes perspectivas em uma estrutura de trabalho teórica e metodologicamente produtiva. Gomez Anton discute os efeitos a longo prazo do constante cardápio de violência servido pelos meios de comunicação de massa, enquanto Desantes Guanter considera que a mídia pode desempenhar um papel positivo, cada vez mais importante. Estas duas visões da mídia – negativa e positiva – são válidas e devem ser levadas em consideração ao se discutir os aspectos do debate mídia/terrorismo.

6. Este parágrafo é uma inserção da opinião pessoal de Calduch Cervera, complementando aquelas dos autores anteriormente citados. (N.A.)

O Ministério Espanhol do Interior patrocinou um estudo, em 1984, que comparou a liberdade de informação sobre o terrorismo em vários países (Reino Unido, EUA, Alemanha Ocidental, Itália, Japão e Espanha).

Este estudo concluiu que seria constitucionalmente inaceitável a criação de leis proibindo informações desse tipo na mídia, mas a elaboração de normas precisas e consistentes em cada país, relativas à veiculação da violência, ajudaria a resolver alguns dos problemas nessa área.

Reportagens objetivas do terrorismo são extremamente problemáticas e apontar distinções exatas entre os diversos grupos e interesses envolvidos é ainda mais difícil. Por exemplo, Ubeda (1988) analisou editoriais do conhecido jornal **El Pais**, para estudar o tratamento dado ao movimento separatista Basco no período de 1976 a 1987. Encontrou diferenças consideráveis nas opiniões do jornal sobre a associação entre o ETA (Pátria Basca e Liberdade) e o nacionalismo Basco, bem como as interações entre ambos e o governo e os eventos reais e alinhamentos no País Basco, revelados após as mudanças políticas ocorridas naquele período.

Os autores do livro de Soria (1990) recomendam vários princípios que deveriam ser seguidos pelos jornalistas para ajudar a garantir que a reportagem sobre o terrorismo seja precisa e imparcial: 1) Devem recorrer a tantas fontes quanto possível e cruzá-las; 2) Os aspectos dramáticos e espetaculares devem ser evitados, caso sejam dispensáveis para a rigorosa apresentação dos fatos; 3) Jornalistas designados para cobrir terrorismo devem ser preparados profissionalmente para esta tarefa específica; 4) A linguagem empregada em suas reportagens deve ser precisa, evitando a repetição de declarações que visem apenas à divulgação do terrorismo; 5) Os jornalistas e seus editores devem praticar o auto-controle.

Guerra e mídia

Se o terrorismo é difícil de ser relatado de forma precisa e imparcial, na guerra pode acontecer o mesmo. Alejandro Pizarroso (1991) realizou uma análise detalhada sobre a manipulação da informação – pela mídia espanhola, pelos protagonistas e pela mídia estrangeira – durante a Guerra do Golfo. Ele afirma que as interações entre a mídia e os militares durante os conflitos no Vietnã, Malvinas (Falklands), Granada e Panamá criaram as atitudes e mecanismos de controle tão criticados na Guerra do Golfo.

Estudos sobre a violência e a mídia geraram tanto interesse e trabalhos independentes na Espanha que, pela primeira vez, existem sinais de uma corrente independente de pesquisa de comunicação desenvolvendo-se no país, quando anteriormente baseava-se estritamente em teorias e pesquisas anglo-americanas. A pesquisa empírica tem sido muito fraca. Entretanto, novos recursos e pesquisadores especializados têm se tornado mais numerosos e a década de 90 deve assistir a um progresso substancial.

Referências

MIGUEL, Armando de. *Terrorismo y medios de comunicación: una sociología imposible.* (Terrorismo e meios de comunicação: uma sociologia impossível). In: **Terrorismo y sociedad democrática.** (Terrorismo e sociedade democrática), Madrid: Akal, 1982. p. 129-143.

MONZON, Manuel Fernandez. *Prensa, opinión pública y terrorismo.* (Imprensa, opinião pública e terrorismo). In: **Terrorismo Internacional**, Madrid: INCI, 1984. p. 67-80.

MINISTRY OF THE INTERIOR (SPAIN). **Terrorismo y medios de comunicación**. (Terrorismo e meios de comunicação). Madrid: Secretaria Geral do Ministério do Interior, 1984.

ALONSO, Alejandro Muños. *Terrorismo y opinion pública.* (Terrorismo e opinião pública). **Ideas y Debate**, n. 2, 1985. p. 135-150.

PIÑUEL, José Luís. **El terrorismo en la transición española.** (O terrorismo na transição espanhola). Madrid: Fundamentos, 1986.

PIZARROSO, Alejandro. **La guerra de las mentiras.** (A guerra das mentiras). Madrid: Eudema, 1991.

SORIA, Carlos (ed.). **Prensa, paz, violencia y terrorismo. La crisis de credibilidad de los informadores.** (Imprensa, paz, violência e terrorismo. A crise de credibilidade dos meios de informação). 2ed., Pamplona: Eunsa, 1990.

UBEDA, Luís Miguel. *Negociaciones y bandolerismo. Los editoriales de* ***El Pais*** *sobre la ETA.* (Negociações e bandoleirismo. Os editoriais de **El País** sobre a ETA). **Tanteos**, year 1, n. 3, nov., 1988. p.9-13.

Resumo: O artigo faz um balanço das tendências da pesquisa de comunicação, até início da década de 90, sobre a violência veiculada pela *mass media.* São pesquisas realizadas na Europa, Venezuela (América Latina) e, em particular, sobre mídia e terrorismo na Espanha. Dá as principais conclusões a que chegaram os pesquisadores de distintas correntes teóricas e salienta a preocupação social sobre o tema.

Palavras-chave: meios de comunicação, violência, crianças, receptores, pesquisa, terrorismo

Abstract: This paper assesses media research trends, up to the early nineties, on violence conveyed by mass media. These studies were carried out in Europe, Venezuela (Latin America) and particularly in Spain, where the relation between media and terrorism was analyzed. It presents the main conclusions reached by researchers from different theoretical approaches, and points out the social concern on the subject.

Key-words: media, violence, children, viewers, research, terrorism